

Francisco Adolfo de Varnhagen e algumas linhas de força da historiografia portuguesa do seu tempo (1839-1841)

Francisco Adolfo de Varnhagen and some key guidelines to the Portuguese historiography of his time (1839-1841)

Daniel Estudante Protásio

daniel.estudante.protasio@gmail.com

Pós-doutorando

Universidade de Lisboa

Alameda da Universidade

1600-214 - Lisboa

Portugal

Resumo

Com o presente artigo, pretendo contribuir para o estudo das relações de Francisco Adolfo de Varnhagen com o meio historiográfico português, bem como salientar aproximações e distanciamentos pessoais e intelectuais face a figuras cimeiras da historiografia portuguesa coeva, como o Cardeal Saraiva, o visconde de Santarém e Alexandre Herculano. O estudo foi conduzido com base em fontes manuscritas e em bibliografia portuguesa e brasileira. A carta que o visconde de Santarém dirigiu a Varnhagen, datada de 8 de Dezembro de 1839, é frequentemente citada como contendo a primeira referência explícita ao neologismo *cartografia*, atribuído ao primeiro. Tal missiva foi escrita no âmbito de uma polémica, mantida pelos dois autores, sobre algumas características dos estudos culturais e historiográficos dedicados à história portuguesa, realizados em Paris e Lisboa e sobretudo a propósito da *Crónica da Guiné*, de Zurara, e da importância do documento inédito relevante como instrumento de afirmação e prestígio do historiador.

27

Palavras-chave

Francisco Adolfo de Varnhagen; História cultural; Historiografia portuguesa.

Abstract

With the present article, I intend to contribute to the study of Francisco Adolfo de Varnhagen's relations with the Portuguese historiographical community, and also to emphasize his personal and intellectual proximity and distance to some of the most relevant names of the Portuguese historiography of the period, such as Cardinal Saraiva, Alexandre Herculano, and the Viscount of Santarem. The study was based on manuscript sources and on Portuguese and Brazilian bibliography. The letter that the Viscount of Santarem wrote to Varnhagen, dated December 8, 1839, is frequently cited as having used, for the first time, the word *cartography*, which is credited to Santarem. The letter was written during a dispute between the two authors, about some of the characteristics of the cultural studies dedicated to the Portuguese history, both in Paris and Lisbon, and, more importantly, about the work *Crónica da Guiné*, by Zurara, and the importance of the undiscovered document's relevance as an instrument of affirmation and prestige for the historian.

Keywords

Francisco Adolfo de Varnhagen; Cultural history; Portuguese historiography.

Recebido em: 13/7/2013

Aprovado em: 4/11/2013

Introdução e enquadramento prévio

O ambiente mental em que se inscreve a obra histórica de Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878) foi fruto de uma clara aproximação cultural, científica e dinástica entre o reino de Portugal (mais tarde Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves) com alguns estados alemães, no primeiro terço do século XIX. Nomeadamente, através de missões académicas e científicas isoladas, de portugueses e luso-brasileiros à Europa central; de sábios germânicos a Portugal e Brasil; e de casamentos dinásticos entre príncipes austríacos e alemães com os seus pares portugueses e brasileiros.

Surgiu, como consequência de tal ambiente mental, cultural e científico, o interesse de historiadores, geógrafos, literatos e académicos europeus pela cultura e história portuguesa, luso-brasileira e brasileira, como foram os casos de Ferdinand Denis, Heinrich Schaefer, Alexander von Humboldt, Johann Eduard Wappäus, Marie-Armand-Pascal d'Avezac de Castera-Macaya e outros.

Será no seio da Academia das Ciências de Lisboa, onde pontificaram individualidades luso-brasileiras e germânicas como José Bonifácio de Andrada, Johan Wilhelm Christian Müller e Francisco Vilela Barbosa (futuro marquês de Paranaguá) que vão ganhar considerável notoriedade Frederico Luís Guilherme de Varnhagen, na área da mineralogia e Francisco Adolfo de Varnhagen, nos campos da historiografia dos descobrimentos portugueses e da história quinhentista do Brasil.

É no ambiente da emergente *nova* historiografia portuguesa de Alexandre Herculano e nas páginas de *O panorama* e da *Revista universal lisbonense* (publicações lisboetas), que Varnhagen vai dar os seus primeiros passos de historiador, num período que se estende dos anos de 1839 a 1841.

É enquanto sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro que o mundo científico internacional vai conhecendo a figura de Francisco Varnhagen.

É na *Colecção de notícias para a história e geografia das nações ultramarinas*, da Academia das Ciências; na *Revista trimestral*, do Instituto; e na tipografia da Sociedade Propagadora de Conhecimentos Úteis, onde era impresso *O panorama*, que Varnhagen vai projectando fontes e textos historiográficos progressivamente mais sistemáticos, maduros e aprofundados, os quais irão culminar na sua *História geral do Brasil* (de 1854/1857, primeiro e segundo volumes, respectivamente).

Tal como Alexandre Herculano marca a vida da Academia das Ciências, de 1851 até à sua morte, em 1877, quer pela sua presença, quer pela sua ausência, enquanto vice-presidente, sócio efetivo da classe de história e sócio de mérito da instituição, Francisco de Varnhagen tornar-se-á secretário do Instituto Histórico e Geográfico no início da década de 1850 e figura de referência da agremiação até aos finais da década de 1870, quando faleceu. Ambos, curiosamente, são considerados os *pais fundadores* da historiografia científica dos respectivos países, Portugal e Brasil. Os dois publicaram histórias nacionais decisivas, o primeiro a partir de 1846, o segundo de 1854/1857.

Embora não seja objetivo do presente artigo estabelecer paralelismos biográficos entre Herculano e Varnhagen *per se*, será ponto assente que no

início dos respectivos percursos historiográficos e académicos, na Lisboa dos anos de 1839 a 1841, perseguiram ideais e abraçaram projectos de investigação comuns, nas páginas de *O panorama*. Estiveram os dois ligados a importantes figuras da cultura portuguesa, como o rei D. Fernando II, o poeta e escritor Almeida Garrett e o viajante e autor polaco conde von Raczynski. Falaram com entusiasmo, cada um a seu modo, de figuras emergentes dos estudos portugueses e brasileiros na Europa, como Ferdinand Denis e Henrich Schaefer. E, por fim, tanto Herculano como Varnhagen parecem ter mantido polémicas em surdina com um historiador e geógrafo português que viveu boa parte da sua vida no Brasil e em França: o 2º visconde de Santarém (1791-1856). Herculano, a propósito da publicação de documentos históricos; Varnhagen, por causa da veracidade da prioridade das viagens de Américo Vespúcio ao Brasil (PROTÁSIO 2014, p. 101-102; 232; 241-252; 265).

Uma vez que a correspondência e esparsos do visconde de Santarém apenas foram publicados muitos anos depois da sua própria morte (1856) e do falecimento de Herculano (1877) e de Varnhagen (1878), isto é, nos anos de 1909 a 1919, ainda hoje muita da comunidade historiográfica internacional desconhecerá a projeção e impacto dos escritos de Santarém na historiografia contemporânea, portuguesa e relativa a Portugal.

Francisco de Varnhagen em Portugal (1823-1840)

Celso Vieira, em *Varnhagen: o homem e a obra* (VIEIRA 1923) e, sobretudo, o magnífico ensaio de Clado Ribeiro de Lessa, "Vida e obra de Varnhagen (1ª parte)" (LESSA 1954, p. 82-181), fornecem-nos importantes elementos biográficos sobre Frederico Luís Guilherme de Varnhagen (1785-1842) e sobre Francisco de Varnhagen (1816-1878), figuras que a partir de agora designarei por Varnhagen Pai e Varnhagen Filho, sempre que os refira em conjunto.

Explica-nos Celso Vieira ter Varnhagen Pai sido "alemão da cidade de Arolsen, principado de Waldeck", militar que combateu com as tropas luso-inglesas na batalha do Vimieiro (em 1808) e, enquanto "precursor da siderotecnia brasileira", responsável pelas obras da fábrica de São João de Ipanema entre 1815 e 1817 (VIEIRA 1923, p. 11-14). Varnhagen Filho, nascido em 17 de Fevereiro de 1816, passou a viver em Portugal a partir dos sete anos, em Outubro de 1823 (LESSA 1954, p. 95; CEZAR 2007, p. 166). Estudou matemáticas no Real Colégio Militar, combateu nas hostes liberais (onde alcançou o "posto de 2º tenente de artilharia") e terminou os seus estudos na Real Academia de Fortificação. Até 1840 permaneceu em Portugal. A sua ida para o Brasil, nesse ano, bem como a adoção da naturalidade brasileira (pouco depois de alcançar a maioridade, por decreto de 24 de Julho de 1841), não o impediram de continuar a sua formação intelectual "solidamente portuguesa", pois logo em 1842 é despachado adido para Lisboa (VIEIRA 1923, p. 19-25, n. 2). Aliás, o historiador Temístocles Cezar explica-nos como o processo de adoção da naturalidade brasileira, em 1841-1842, foi complexo e contraditório, diretamente relacionado com a questão da sua promoção hierárquica no interior do exército português (CEZAR 2007, p. 168-169).

Tanto o pai quanto o filho Varnhagen estiveram estreitamente ligados à Academia das Ciências de Lisboa, em Portugal e no Brasil, alcançando ambos a categoria de sócios livres (BAIÃO 1951, p. 70-71; ACADEMIA 1844, p. XIX-XX; 1848, p. LXXII). Quando a vitória liberal portuguesa é firmada pela convenção de Évora Monte (em Maio de 1834) e quando o duque de Bragança (ex-imperador do Brasil e rei de Portugal) morre, no palácio de Queluz, em Setembro seguinte, já Francisco de Varnhagen completara dezoito anos. Dos fumegantes escombros da sociedade portuguesa, encabeçada pela jovem rainha D. Maria II, irmã do imperador D. Pedro II, começam a surgir os primeiros sinais de um renascente interesse pela história nacional, tanto metropolitana quanto ultramarina. A Academia das Ciências estabelece-se numa sede definitiva (a atual) e ganha uma nova projeção e um novo fôlego, sob a direcção do secretário perpétuo, Joaquim José da Costa de Macedo e sob a protecção e interesse particular de D. Fernando II, celebrado rei-consorte português. A instituição estabelece e renova contactos internacionais com academias e sociedades intelectuais de todo o mundo, procura reforçar o número dos seus sócios com as principais sumidades portuguesas e estrangeiras e, também, voltar ao brilhantismo das suas publicações anteriores – neste último caso, porém, sem grande sucesso.

Até porque surge uma nova geração de estudiosos da história, das fontes, dos monumentos nacionais, os quais, muito jovens (alguns deles apenas com 20 a 25 anos em 1836) e imbuídos de um conceito romântico de que a história e a literatura são irmãs inseparáveis, optam por colaborar com uma emergente imprensa de divulgação, popular e não-académica. Entre eles encontram-se Alexandre Herculano e Francisco de Varnhagen.

É muito curioso que essas duas personalidades – tal como, naturalmente, várias outras – vão procurar o patrocínio, o impulso e a amizade de homens mais velhos, já com uma obra e um percurso intelectual e académico marcados. Dois deles foram João Pedro Ribeiro (1758-1839) e Frei Francisco de São Luís, futuro Cardeal Saraiva (1766-1845), que surgem na Academia das Ciências pós-1834 como figuras tutelares. O primeiro, embora remetido a uma espécie de semiexílio no Porto (cidade de onde era natural e onde contactara com Herculano), continuava a ser tido como a figura primeira da historiografia portuguesa desde o desaparecimento de António Ribeiro dos Santos (1745-1818) e de António Caetano do Amaral (1747-1819). Frei Francisco de São Luís, que estivera encerrado no mosteiro beneditino da Serra de Ossa, no Alentejo, durante o reinado de D. Miguel (1828-1834), devido às suas opiniões liberais, ganharia um destaque imenso nos anos finais da sua vida, não só como Secretário de Estado do Reino e guarda-mor da Torre do Tombo (o arquivo nacional português), entre 1834 e 1836, mas também como vice-presidente da câmara dos pares e vice-presidente da Academia das Ciências (PROTÁSIO 2012, p. 251-262).

Francisco Adolfo de Varnhagen, tal como Herculano, vai citar a autoridade de João Pedro Ribeiro como garantia da seriedade e carácter científico dos seus próprios propósitos de investigação histórica (SILVEIRA 2009, p. 45; VARNHAGEN 1839b, p. XXI-XXII). E irá referir-se de modo reverente à obra do futuro cardeal Saraiva, autoridade máxima da Academia das Ciências (a seguir à do presidente

da instituição, o rei D. Fernando II), para justificar as suas próprias conclusões e ilações, no que diz respeito à publicação de manuscritos importantes para a história do século XVI no Brasil (LESSA 1954, p. 102-103; VARNHAGEN 1839a, p. 27, n. 38; VARNHAGEN 1839b, p. XX; XXII; XXIII, n. 86).

Outras figuras cimeiras desta nova geração de autores serão Heinrich Schaefer (1794-1869), autor de uma *Geschichte von Portugal* cujos primeiros volumes serão publicados na Alemanha em 1836 e 1839; Ferdinand Denis (1798-1890), que visitou o Brasil entre 1816 e 1821 e produzirá vários textos sobre a literatura e história ibéricas e brasileira; João Baptista da Silva Almeida Garrett (1799-1854), poeta e escritor já consagrado na década de 1830; e, *last but not least*, o barão de Eschwege (1772-1855), mineralogista prussiano que vai regressar a Portugal a tempo de lutar no exército do duque de Bragança e notabilizar-se enquanto arquiteto do palácio da Pena, na serra de Sintra.

Curiosamente, é em certa literatura de análise da construção do dito palácio, a partir de 1838 (FRANÇA 1993, p. 216), que vamos encontrar algumas referências a Francisco de Varnhagen que nos permitem entender que, tal como Herculano, beneficiou diretamente do ambiente de dinamismo cultural e artístico que se formou em volta do jovem rei D. Fernando II (como se verá de seguida) e de algumas das decorrentes amizades intelectuais que surgiram. Fosse na corte do monarca consorte, fosse na Academia das Ciências (de que já vimos ser presidente o *rei-artista*).

A propósito do estilo manuelino ou neomanuelino do palácio da Pena, estilo esse que Varnhagen vai analisar no mosteiro de Belém (1840-1842), podemos citar a seguinte passagem de um estudo intitulado *O palácio da Pena*:

Almeida Garrett, por exemplo, tinha relações de amizade com o jovem Varnhagen e os dois eram vizinhos, na zona do Chiado. E ambos tinham camarotes contíguos no Teatro de São Carlos, alto lugar da intelectualidade romântica que, como vimos, D. Fernando frequentava com regularidade. Por sua vez, o arquiteto da Pena – o barão de Eschwege, que é lícito supor haja servido no exército liberal ao lado de Varnhagen, como superior do jovem luso-brasileiro – patrocinou a entrada deste na Academia das Ciências. A convivência com D. Fernando II foi também, ao que parece, franca e aberta; e Varnhagen terá certamente utilizado a biblioteca do rei (PEREIRA; CARNEIRO 1999, p. 16).

Acrescente-se que Herculano, seis anos mais velho do que Varnhagen, foi diretor das bibliotecas régias dos palácios das Necessidades e da Ajuda; e que, a partir de 1839, Eschwege aparece como sócio efetivo substituto da classe de ciências naturais da Academia, nas listas de membros da instituição (SARAIVA; LOPES 1987, p. 764; ACADEMIA 1839, p. XV; LVII). Por volta de 1841, Varnhagen é tido por “grande amigo” de Herculano (HERCULANO s.d., p. 174).

É, assim, possível entender a colaboração de Varnhagen com *O panorama*, publicação periódica portuguesa fundada em 1837 e dirigida durante dois anos por Herculano, de 6 de Maio de 1837 a 13 de Julho de 1839 (CATROGA 1996, p. 41, legenda). Pode afirmar-se que a revista servia de porta-voz às novas ideias culturais, historiográficas, científicas e artísticas emergentes, por intermédio de

alguns jovens elementos da intelectualidade lisboeta (entre eles, Herculano e Varnhagen). No que dizia respeito aos estudos históricos, Portugal tinha no Brasil um aliado de peso e um seu igual, dado a existência de mais de três séculos de passado comum. Em 1838, como é sabido, é fundado o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no qual um grupo de notáveis brasileiros pretende marcar a dinâmica dos estudos científicos da jovem nação.

É com este pano de fundo que surgem, em 1839, dois importantes trabalhos do jovem Francisco de Varnhagen, publicados em Portugal (VARNHAGEN 1839a; 1839b). O facto de Varnhagen publicar estes trabalhos nas tipografias da Academia das Ciências de Lisboa e da sociedade proprietária de *O panorama* provam, em minha opinião, os laços de proximidade mantidos com o vice-presidente da Academia (Frei Francisco de São Luís) e com um dos nomes mais importantes da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis, Alexandre Herculano.

Clado Ribeiro de Lessa indica-nos uma série de factos, referentes à entrada de Varnhagen na Academia das Ciências, pelos quais é possível entender o entusiasmo que a mesma despertou. A submissão das "Reflexões críticas..." à instituição, em 1838, teria tido o patrocínio do barão de Eschwege; o texto foi lido em sessão académica de 7 de Novembro desse ano; e datam de 2 e 24 de Maio de 1839 as deliberações de publicar e custear esse primeiro trabalho de Varnhagen e de o aceitar como sócio correspondente. O jovem investigador contava então – note-se – pouco mais de vinte e três anos. Assinava a declaração de publicação o secretário perpétuo da Academia, Joaquim José da Costa de Macedo; e são muito elogiosas, quase paternais, as palavras com que o vice-presidente, Frei Francisco de São Luís, Cardeal Saraiva a partir de 1845, acolhe o nubente na sua própria classe académica, a da Literatura e Belas-Letras (LESSA 1954, p. 102-103; 223; BAIÃO 1951, p. 69-70).

Logo nas primeiras páginas das suas "Reflexões críticas...", Varnhagen demonstra, com uma notável clareza de linguagem e de argumentos, quem constitui o grupo de autores e historiadores exemplares e quem são os que poderíamos considerar – talvez abusivamente – aqueles pelos quais não nutria simpatia e admiração, quanto às ideias e interpretações históricas. Entre os primeiros, surgem "o melhor historiador do Brasil" (Robert Southey), "o erudito Ferdinand Denis", um "viajante-naturalista alemão" (Martius) e, mesmo, "um douto académico", Dantas Pereira, há pouco falecido no seu exílio francês (VARNHAGEN 1839a, p. 2, n. 2; p. 3-4. ns. 5-6; p. 4-5, ns. 7-9). Entre os segundos surgem duas figuras: o autor da *Corografia brasílica*, Manuel Ayres de Casal; e uma outra, anônima, autor de um artigo "numa certa obra periódica de Paris". A qual, referindo-se ao texto que Varnhagen analisava, dele fornecera um "conceito" que, "ainda que pouco minucioso, não [lhe] é desfavorável" (VARNHAGEN 1839a, p. 3, n. 3; 5; 9).

Nesta escolha criteriosa de palavras, por parte de Varnhagen, para qualificar as análises históricas da *Corografia brasílica* (obra publicada em 1817) e do *Boletim* da Sociedade de Geografia de Paris (a "certa obra periódica de Paris"), parece ser possível anteceder o tom de uma polémica que o historiador luso-brasileiro travou com o 2º visconde de Santarém, autor do dito artigo parisiense.

O 2º visconde de Santarém

De facto, o visconde de Santarém (1791-1856), historiador português, ex-guarda-mor da Torre do Tombo de Lisboa e ex-Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros de D. Miguel, vivia exilado em Paris desde 1834. Iniciou-se tardiamente nos estudos americanistas, isto é, na análise da prioridade dos conhecimentos geográficos europeus sobre o continente sul-americano. Quando Martín Fernández de Navarrete (1765-1844), presidente da Academia de la Historia de Madrid desde 1824 e diretor da famosa *Colección de los viajes y descubrimientos...*, escreveu uma carta ao guarda-mor interino da Torre do Tombo, o visconde de Santarém, a 24 de Maio de 1826, para inquirir sobre a eventual existência de documentos sobre as viagens de Américo Vespúcio no arquivo nacional português, despertou no destinatário da missiva uma vocação para a análise de questões da geografia, cartografia e história dos descobrimentos. Santarém respondeu-lhe em carta de 15 de Julho seguinte, com argumentos que Navarrete considerou suficientemente sólidos para incluí-los no terceiro volume da sua sobredita obra, publicada em Madrid, em 1829 (NAVARRETE 1829, p. 309-314). Já então o visconde de Santarém ostentava orgulhosamente o estatuto de sócio correspondente da Academia de la Historia espanhola, dirigida por Navarrete. Dados os afazeres políticos de Santarém entre 1827 e 1833, anos em que ocupou a titularidade das Secretarias de Estado do Reino, da Marinha e do Ultramar e dos Negócios Estrangeiros de Lisboa, pouco ou nenhum desenvolvimento dera ao estudo da questão das viagens de Vespúcio.

Seria já em Paris, em 1835, que devido à curiosidade que a sobredita coleção de Navarrete despertava entre os intelectuais europeus e, dada a inexistência de tradução do terceiro volume, o visconde traduziu para francês e ampliou a sua carta dirigida ao sábio espanhol. Fê-lo por sugestão de Alexander von Humboldt (1769-1859), famosíssimo geógrafo alemão (que conhecera pessoalmente em 1822). Esse texto valeu-lhe a admissão na Sociedade de Geografia de Paris (ou Sociedade Geográfica de Paris, como também aparece designada), fundada em 1821 e então a primeira e mais importante instituição europeia e mundial dedicada aos estudos geográficos. Santarém publicaria sucessivos acrescentos no *Boletim* da instituição, alguns deles impressos em separata, entre 1835 e 1837 (aos quais Varnhagen se referirá, como veremos em seguida); e transformá-los-ia em livro de aproximadamente trezentas páginas, publicado em 1842, com o título de *Recherches historiques, critiques et bibliographiques sur Améric Vespuce et ses voyages*.

Enquanto Santarém, em finais de 1839, era um geógrafo e historiador de 48 anos, respeitado no mundo académico e científico de Paris, reconhecido face ao impulso que tanto Navarrete quanto Humboldt tinham dado aos seus estudos e trabalhos intelectuais, Francisco de Varnhagen, aos 23 anos, dava os seus primeiros passos numa carreira académica que prometia ser frutuosa, protegido por Frei Francisco de São Luís (nascido em 1766) e amigo de Alexandre Herculano (nascido em 1810). Ora, por motivos eventualmente relacionados quer com características da sua personalidade, quer com o desejo de singrar rapidamente

no mundo das letras, quer ainda devido ao facto de o visconde de Santarém ter servido D. Miguel, num curto espaço de dois anos (entre Novembro de 1839 e Outubro de 1841) Varnhagen vai criticar por diversas vezes o autor português exilado em França, não só a propósito de Vespúcio, mas também de Gomes Eanes de Zurara.

Na sua segunda obra, *Diário da navegação da armada...* (VARNHAGEN 1839b), o autor lamenta a aparente recusa das teses de prioridade vespuciana por parte de Santarém. Na página 75 do seu texto, em comentário às notas finais, escreve, após referir a *Corografia brasílica*:

Com igual azedume, porém maior cópia de argumentos, saiu há pouco [sic] a campo o Sr. Visconde de Santarém, em uma carta escrita [em 1826, note-se] ao eruditíssimo D. Martín Fernández de Navarrete, que foi impressa no *Bulletin de la Société Géographique de Paris* em Outubro de 1835 e depois as notas nos números de Setembro de 1836 e Fevereiro de 1837. Os seus argumentos, só negativos, permita-nos dizê-lo, fundados quase que só na falta de menção de Américo [sic] entre os nossos antigos escritores, não colhem – ao menos nada nos abalam, pois não vemos um em que possamos fazer firmeza – lembrando-nos que Damião de Góis, escritor contemporâneo, que tinha viajado e conhecia os impressos do seu tempo e faz menção de Cadamosto, não deixaria de refutar o que corria de Américo se fosse falsidade (VARNHAGEN 1839b, p. 75).

34

Esta crítica, natural numa comunidade internacional de estudiosos da geografia e da história europeias e extraeuropeias, veio, porém, envolta numa roupagem um pouco surpreendente. Por um lado, como vimos, Varnhagen já antes estabelecera esse paralelo entre Ayres de Casal e Santarém, embora não tivesse nomeado este último. Por outro, é compreensível que um jovem que quisesse fazer carreira no mundo das letras procurasse não só demonstrar um conhecimento aprofundado das fontes e das teses em confronto (como é visível nas dezenas de notas que as “Reflexões críticas...” e o *Diário da navegação...* ostentam), mas também ombrear com alguns dos historiadores portugueses vivos mais consagrados do momento.

Ora, sucede que, depois da morte de João Pedro Ribeiro, em Janeiro de 1839 e para lá do futuro Cardeal Saraiva, que irá falecer em 1845, à beira dos oitenta anos, nenhum historiador português sobressaía dos demais, pela força e solidez científicas e metodológicas da sua obra. Herculano, tal como Varnhagen, Tateava um caminho literário e historiográfico que prometia ser brilhante, mas que ainda estava muito no seu início, dada a juventude desses dois autores. Quanto a Denis, Garrett e António Feliciano de Castilho (nascidos em 1798, 1799 e 1800), eram sobretudo literatos, não tanto historiadores.

Refira-se ainda que foi graças à reativação da polémica das viagens de Vespúcio que, no seio da Sociedade de Geografia de Paris, o visconde de Santarém dedicar-se-ia muito em breve à defesa dos direitos portugueses na região africana de Casamansa (em 1839) e à edição da *Crónica da Guiné*, de Zurara (1841). Tal protagonismo irá, muito rapidamente, granjeá-lo à posição de mais destacado historiador português do momento (MACEDO 1975, p. XIX-XX), pelo menos até à publicação da *História de Portugal* de Alexandre Herculano e ao reacender

da guerra civil em território português (em 1846-1847), com as consequentes alterações do financiamento de publicações históricas no estrangeiro.

Em 20 de Novembro de 1839, o *Correio de Lisboa* tecia rasgados elogios ao editor do *Diário da navegação...*, louvando-lhe “as muitas notas importantes”, o “trabalho incalculável” e “os nove documentos extraídos da Torre do Tombo, nenhum dos quais pode considerar-se de valor insignificante”. Porém, o autor do artigo – não assinado – apressa-se a procurar comparar os méritos do jovem investigador com o de dois autores, o visconde de Santarém e António Nunes de Carvalho (1786-1867). Diz, textualmente, sobre Varnhagen:

Entra, enfim, na tão disputada controvérsia a respeito de *Américo Vespúcio*, combatendo as opiniões sustentadas pelo Sr. *Visconde de Santarém* no *Boletim* da Sociedade de Geografia de Paris de 1835 – 36 – 37. Todas as notas são apropriadas ao assunto. O editor não adoeceu de um certo pedantismo, que ainda hoje é muito vulgar – o de acumular citações sem conta, peso nem medida. Sobretudo é de muito mérito a *cotejação* geográfica das localidades, com o que dão as obras de hoje, especialmente os roteiros marítimos ingleses. Este trabalho faltou (e não é pequena falta) ao editor do *Roteiro de Dom João de Castro* [o dito António Nunes de Carvalho] (SÃO LUÍS 1839, p. 2448, grifos meus).

Ora, sucede que Clado Ribeiro de Lessa identificou o autor desse artigo como Frei Francisco de São Luís – o que não deixa de constituir um dado surpreendente. O que poderia ser mais um de vários textos altamente elogiosos dos méritos científicos de Varnhagen, qualidades essas tão sólidas quanto precoces e louvadas numa verdadeira campanha de imprensa (LESSA 1954, p. 104-105), acaba por constituir uma peça-chave num pequeno mistério historiográfico, como se verá. Um dos principais historiadores e figuras públicas portugueses do século XIX, o qual passou à história como Cardeal Saraiva, critica (sob a capa do anonimato) um ex-adversário político e historiador – o visconde de Santarém – o qual já então estava em vias de se tornar uma das figuras de referência da historiografia portuguesa da época. Assinale-se, sobretudo, a referência sarcástica à *doença* de “um certo pedantismo”.

Três dias passados (a 23 de Novembro), o próprio Varnhagen escreve uma carta ao visconde de Santarém, que este agradece a 8 de Dezembro de 1839. A primeira missiva acompanhava um exemplar do *Diário da navegação*, que o académico lisboeta gentilmente oferecia ao historiador exilado. A carta de Santarém, que ocupa o equivalente a oito páginas (SANTARÉM 1919, p. 61-69), constitui um magnífico testemunho da mágoa e indignação que sentiu, quando se apercebeu das críticas presentes tanto na obra quanto no artigo do *Correio de Lisboa*, em claro contraste com a respeitosa delicadeza da carta de Varnhagen. Esta polémica em surdina, que não conheceria divulgação pública por opção do visconde, deixou-lhe um travo amargo na boca, o que é visível por mais de quarenta páginas da sua correspondência, pelo menos até Abril de 1840. E serviu para o afastar ainda mais de uma comunidade intelectual, a lisboeta, então reunida à volta da Academia das Ciências de Lisboa e do futuro Cardeal Saraiva. Para Santarém, eram tão incompreensíveis quer as críticas de Varnhagen, quanto o marasmo de

publicações da Academia, face ao vigor das que no estrangeiro se publicavam sobre Portugal; e, por fim, o silêncio do vice-presidente da instituição, que não parecia preocupado com os agravos públicos que o visconde considerava terem-lhe sido feitos pelo jovem historiador português. O supracitado esclarecimento de Clado Ribeiro de Lessa ajuda-nos a entender melhor o porquê desse silêncio, por parte de Frei Francisco de São Luís.

Embora as cartas de Varnhagen não estejam, infelizmente, reproduzidas no sexto volume da *Correspondência* do visconde de Santarém e apenas duas das que este escreveu estejam aí incluídas, é possível seguir a cronologia da breve troca de correspondência entre os dois (SANTARÉM 1919, p. 61-102).

A carta de 8 de Dezembro de 1839

É de assinalar, sobretudo, que foi na carta de 8 de Dezembro de 1839 que pela primeira vez o visconde falou em cartografia, ciência auxiliar da história e da geografia pela qual se iria celebrar, a partir de 1841. Ignoro até que ponto este facto é conhecido dos estudiosos da vida e obra do historiador luso-brasileiro e se este se lhe refere em alguma missiva, publicada ou inédita. O certo é que o trecho em questão anda reproduzido em praticamente todos os textos e manuais que se debrucem sobre a história da cartografia e sobre a obra do visconde de Santarém (GARCIA 2006, p. 59; OLIVEIRA 2007, p. 150).

Por fim, acrescente-se que também parecem ter estado em causa interpretações antagônicas sobre os meios culturais e científicos que em 1839-1840 estariam disponíveis em Portugal, para renovação da historiografia nacional. Enquanto Varnhagen afirmaria – nas palavras de Santarém – que “também por cá [em Lisboa] se estuda e há os meios que aí [em Paris] sobejam”, o visconde desabafava, em carta destinada ao seu sobrinho, o 8º conde da Ponte, que “essa gente daí [Lisboa] necessita, para se curar, de vir tomar ares cá de fora”, citando, a esse propósito, uma carta do Padre António Vieira (SANTARÉM 1919, p. 83; 94-95; 99). Em confronto pareciam estar duas concepções diferentes de cultura e ciência: a de que nasce do contato com as ideias exteriores e a que é acusada de virar costas ao que é estrangeiro.

A “Analyse du journal de la navigation...” (1840)

Embora aparentemente sanado, o episódio dessa breve discórdia iria perdurar muito mais do que à partida se poderia imaginar. Tratava-se, mais do que de um desagrado pessoal, de visões históricas diferentes – embora não necessariamente metodológicas. Assim, no ano seguinte, em Março de 1840, o visconde de Santarém dedica um artigo algo desenvolvido à recensão do *Diário da navegação da armada*, editado por Varnhagen, na prestigiada publicação francesa dos *Nouvelles Annales des Voyages*.¹ O texto, que ocupa quase vinte páginas do primeiro volume dos *Opúsculos e Esparsos* do visconde de Santarém (SANTARÉM 1910, p. 371-390), foi publicado como separata de 47 páginas ainda

¹ De resto, Varnhagen pedira a Santarém que fizesse chegar à Sociedade de Geografia um exemplar do seu trabalho, o que o visconde prometia, a 8 de Dezembro de 1839, fazer na sessão seguinte em que a instituição se reunisse (SANTARÉM 1919, p. 69).

em 1840. Diretamente escrito em francês, a “Analyse du journal de la navigation de la flotte qui est allée à la terre du Brésil en 1530-1532” está dividida em quatro partes e procura fazer um enquadramento da história do Brasil e da chegada das várias expedições à sua costa, remetendo para as fontes literárias e históricas mais conhecidas e para a bibliografia analítica mais atualizada (entre ela, naturalmente, a do próprio Santarém). Referindo várias vezes Varnhagen (que designa por “l’éditeur”),² citando as suas opiniões e louvando moderadamente as suas visões e interpretações, acaba por fazer algumas observações interessantes sobre o trabalho editorial e o valor do manuscrito. Afirmar que o *Diário de Sousa* é bastante inferior, em vários aspectos (nomeadamente, no da redação), aos de Tomé Lopes (1502), Duarte Barbosa (1517) e ao da viagem de Magalhães (1519), todos eles documentos publicados em 1821 e 1826 nos volumes II e IV da importante *Colecção de notícias para a história e geografia das nações ultramarinas...* Acrescenta, contudo, que o editor prestou um serviço à história da geografia do novo mundo, publicando pela primeira vez um documento que tem a vantagem de colmatar uma lacuna na coleção de portulanos do século XVI.³ Afirmar ainda que a publicação do manuscrito apresentava uma vantagem suplementar, a de servir para corrigir erros no conhecimento cronológico do período. E lamenta que Varnhagen não tenha esgotado toda a informação a que poderia ter recorrido, em Lisboa, para a elaboração das biografias de Martim Afonso de Sousa e de Pedro Lopes de Sousa (SANTARÉM 1910, p. 383-384).

Ora, este aspecto parece-me muito interessante. Nestas minúsculas farpas, que o visconde lança a quem o quisesse ler, estão presentes (embora disfarçadas de conselhos de estudioso mais experiente e maduro) alguns dos hipotéticos motivos de tristeza e de indignação pelas críticas anteriores de Varnhagen e, sobretudo, pelo facto de não este ter recorrido aos seus conselhos de homem mais velho, experiente e consagrado.⁴ Quando explica que Varnhagen poderia ter recorrido a obras inéditas existentes na Biblioteca Pública de Lisboa e na do convento de Jesus (entretanto secularizado e transformado na sede da Academia das Ciências), ou mesmo ao precioso arquivo do cartório do conde de Lumiares, representante de Martim Afonso de Sousa e detentor do morgadio de Alcoentre, por ele estabelecido (SANTARÉM 1910, p. 387), o visconde de Santarém parece gostosamente recordar uma das mais importantes características da investigação cultural – a da necessidade de partilha de memórias vivas, de saberes orais, de pequenas informações preciosas que, quando alinhadas em confronto sequencial, poderão fornecer pistas decisivas para o conhecimento científico, histórico ou geográfico. É a partir dessa oralidade, desse registo informal de dados, presentes na memória recôndita do estudioso do passado que não se limita a contemplá-lo ociosamente, mas que procura aperfeiçoar a visão que a

² É o caso das ns. 1 e 2 das p. 376 e 377; n. 1, da p. 378; ns. 1 e 2, da p. 380; texto e ns. 1 e 2 da p. 382.

³ No original : “Néanmoins, l’éditeur a rendu un service à l’histoire de la géographie du nouveau continent, en publiant pour la première fois ce document, ne fût-ce que pour combler une lacune qui se faisait remarquer dans la collection des portulans du XVI siècle”. Tradução minha.

⁴ Basta pensarmos que, no mês seguinte de Abril, o visconde era nomeado vice-presidente da mais prestigiada sociedade geográfica mundial, a parisiense. Carta para o 8º conde da Ponte datada de 15 de Abril de 1840, em SANTARÉM 1919, p. 107.

sociedade tem da sua história, que muitas vezes eram iniciadas investigações que *a posteriori* se poderiam tornar sólidas e decisivas.

De uma forma geral, Santarém procura ser justo e secundar Varnhagen no seu percurso de investigação, dando a entender que mesmo as pesquisas infrutuosas deveriam ser assinaladas, por pouparem desse modo imenso tempo a outros investigadores (SANTARÉM 1910, p. 387).

Por fim, Santarém é incisivo em duas críticas ao trabalho de Varnhagen: pelo facto de este preferir remeter as notas para o final do trabalho e não para o final da página (ao contrário do que Frei Francisco de São Luís fizera em 1825, no caso da edição da viagem de Magalhães, conforme assinala); e pelas conclusões que infere da carta de D. Manuel I de 16 de Janeiro de 1504, que considera insustentáveis. Termina recordando o mérito do trabalho produzido pelo editor (SANTARÉM 1910, p. 387-390).

Em busca de tesouros perdidos: a edição de manuscritos

Uma das características mais marcantes da renovação da historiografia portuguesa dos anos de 1839 a 1841 consiste na verdadeira demanda coletiva que historiadores e investigadores faziam de manuscritos referentes à cultura e história portuguesa e brasileira, tanto em Portugal quanto no Brasil e em França. Como é lógico, quando uma dessas raridades era localizada e identificada, gerava-se um movimento de interesse pelo conhecimento do seu valor, por parte de um público ávido de novidades literárias e culturais e (quando possível) desejoso de adquirir a respectiva edição crítica, na língua original ou em tradução.

Assim sendo, jovens autores como Diogo Kopke (1808-1844), Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara (1809-1879), Herculano (1810-1877) e Varnhagen (1816-1878) não só procuravam brilhar pela originalidade das suas descobertas de inéditos, como garantir o natural sustento e um vínculo económico duradouro com uma publicação periódica, uma editora ou instituição cultural/pedagógica pública (biblioteca, universidade ou escola politécnica). Muitas vezes estavam em causa questões de prestígio pessoal e de sustento económico, agravadas até pela juventude de muitos dos intervenientes.

Em Portugal, a amizade e camaradagem entre Herculano e Varnhagen e deste com Cunha Rivara e Diogo Kopke vai sendo construída com os triunfos e os dissabores próprios de relações literárias ainda recentes. Se Varnhagen se queixa, em cartas datadas de 1839 e destinadas a Rivara, de um certo egoísmo, por parte de Herculano, que acusa de não partilhar as recensões pagas pelo *Panorama* nem a localização de manuscritos em bibliotecas lisboetas, Diogo Kopke, no seu *Tratado breve dos rios da Guiné do Cabo Verde*, publicado em 1841, confessa-se obrigado a Varnhagen, Rivara e Herculano pelas indicações fornecidas e, no caso do último, pelas contribuições na edição do *Roteiro da viagem de Vasco da Gama* – procurando esclarecer que as diferenças de opiniões políticas os não separam (BERSTEIN 1983, p. 42-45; KOPKE 1841, p. II-V).⁵

⁵ Cartas de Varnhagen reproduzidas por Berstein a partir da obra editada por Clado Ribeiro de Lessa, *Francisco Adolfo de Varnhagen: correspondência ativa*, à qual infelizmente não consegui ter acesso.

É neste contexto geral que em 1840-1841 ocorre um insólito e pouco conhecido episódio entre Varnhagen e Santarém. Na prática, ambos terão procurado associar o seu nome ao de Gomes Eanes de Zurara, figura sobre a qual Herculano recentemente escrevera. Vejamos como.

Em Julho de 1839, Alexandre Herculano abandonara a direcção de *O panorama*, mas continuava a colaborar com essa publicação. Aliás, a 10 de Agosto publica um artigo sobre Gomes Eanes de Zurara, cronista e guarda-mor português que sucedeu a Fernão Lopes (SILVA 1862, p. 335; VARNHAGEN 1839c, p. 250-251). Trata-se de um de vários textos com que o escritor começava a dedicar-se ao estudo da historiografia portuguesa. De uma forma um tanto ou quanto inesperada, a 11 de Janeiro do ano seguinte, 1840, surge um suplemento, não assinado, ao artigo de Herculano, no qual se chama a atenção para o facto de Ferdinand Denis ter publicado, nas suas *Chroniques chevaleresques...* (vol. II, p. 43-53), um pequeno excerto da *Crónica do descobrimento e conquista da Guiné*, de Zurara, que durante séculos se julgara perdida. E acrescenta-se a seguinte informação:

O Sr. Visconde de Santarém deixou de mencionar este manuscrito no seu catálogo⁶ e nós devemos esta notícia ao Sr. Denis, benemérito das letras portuguesas. [...] Terminaremos este artigo com o lamentar que, se Azurara merece elogio como historiador, por outra parte, na opinião do Sr. Visconde de Santarém [reproduzida na obra de Denis], poucos créditos merece como arquivista, contribuindo para destruir fontes históricas de factos anteriores ao seu tempo (VARNHAGEN 1841, p. 15-16; HERCULANO s.d., p. 177-178, n. 2).

39

É o próprio Varnhagen quem assumirá, na *Revista universal lisbonense* (dirigida pelo famoso António Feliciano de Castilho), em Outubro de 1841, a autoria desse texto de *O panorama*. No qual, aliás, parece reiterar uma atitude crítica face ao visconde de Santarém, já presente em textos anteriores.

Ouçamos atentamente o encadeamento de factos proporcionado por Varnhagen. Da obra de Ferdinand Denis, *Chroniques chevaleresques...*, publicada em 1839, teriam chegado a Lisboa apenas dois exemplares. Adquirindo um deles, Varnhagen vai chamar a atenção ao secretário perpétuo da Academia, Joaquim José da Costa de Macedo, para a existência do precioso inédito em Paris, descoberto pelo lusitanista francês em 1837 e mencionado na dita obra. Esta comunicação a Costa de Macedo ter-se-á dado, provavelmente, nos finais desse ano de 1839. Sucede que, por intermédio de algumas cartas inéditas trocadas entre Costa de Macedo e o visconde da Carreira, representante diplomático português em França, é possível datar precisamente de Dezembro o pedido de averiguações, junto de Denis, por intermédio de Santarém, da existência do manuscrito.⁷

Varnhagen chamava, assim, a atenção à Academia para um significativo facto cultural e literário – a da localização do manuscrito de uma obra-chave

⁶ A *Notícia dos manuscritos...*, publicada em 1827 e reimpressa (com acrescentos) em 1841 pela Academia das Ciências de Lisboa.

⁷ Coleção particular, cartas de Joaquim José da Costa de Macedo para o visconde da Carreira, datadas de 12 e 30 de Dezembro de 1839.

para o conhecimento da história portuguesa do século XV. A instituição, na pessoa do seu secretário perpétuo, procurou indagar do facto, escrevendo para Paris. Costa de Macedo mostra-lhe a carta do visconde da Carreira,⁸ revelando a ignorância do diplomata e de Santarém sobre o caso – ignorância, essa, apenas oficial, como se verá de seguida. Varnhagen diz mesmo: “Replicamos [falando de si mesmo] e entregamos a prova [tipográfica do artigo que escrevera] que tínhamos nas mãos. Foi remetida para Paris” (VARNHAGEN 1841, p. 36). Como consequência, Carreira escreve a carta de 30 de Dezembro a Macedo, na qual o informava que estavam a ser feitas todas as diligências para obter cópias do manuscrito – “não sabemos se para a Academia”, conforme acrescenta Varnhagen. A 11 de Janeiro de 1840, sai a notícia da descoberta na *Revista universal lisbonense*, escrita por si. Semanas depois, corre em Lisboa a notícia de que o livreiro parisiense Aillaud iria custear a edição do manuscrito, copiado por Carreira e com introdução e notas de Santarém, o que sucederá em 1841.

40

Por outro lado, é possível verificar que já a 2 de Setembro de 1839 o visconde de Santarém informava o conde da Ponte que Ferdinand Denis “publicou [extratos de] uma crônica inédita de Gomes Eanes de Azurara, para a qual dei notas” (SANTARÉM 1919, p. 54), precisamente as considerações a que Varnhagen se referira em Janeiro de 1840. Podemos assim compreender que Santarém mantinha no *segredo dos deuses* a descoberta e publicação de um manuscrito que se revelaria decisivo para a história da historiografia e da cultura portuguesa oitocentista. É provável que Varnhagen ambicionasse, legitimamente, para si o estudo do texto de Zurara, por intermédio da Academia das Ciências. Aliás, diga-se que a própria obra do visconde de Santarém ganhou uma projecção e uma dimensão imensas a partir do trabalho que efetuou, relativo ao manuscrito. Foi com base na *Crônica da Guiné* que surgiu um segundo momento do labor de Santarém acerca dos descobrimentos portugueses (o primeiro, relembre-se, incidira sobre Américo Vespúcio). É em consequência dos seus trabalhos *Memória sobre a prioridade dos descobrimentos portugueses...* e *Recherches sur la priorité...*, que o governo português vai custear a edição do *Quadro elementar...*, das várias tiragens do *Atlas* e dos três volumes do monumental *Éssai*. A publicação da *Crônica da Guiné*, como é abreviadamente referida, significou um momento central na historiografia portuguesa dos descobrimentos e no imaginário nacional português, por razões amplamente conhecidas (PROTÁSIO 2014, p. 101-102; 225-231; 245-256). Santarém chegará mesmo, em 1842, a ser nomeado cronista do reino e, pela segunda vez, guarda-mor da Torre do Tombo (*in absentia*).

Quanto a Varnhagen, dados os desenvolvimentos ocorridos em Paris, parece contentar-se com noticiar a descoberta do manuscrito, primeiro em Janeiro de 1840, depois em Outubro de 1841. É nesse intervalo de tempo de quase dois anos que parte para o Brasil (zarpando de Lisboa a 24 de Maio de 1840 e regressando a 22 de Junho de 1841) e que vai requerer a nacionalidade brasileira, que obtém em 24 de Julho de 1841 (LESSA 1954, p. 110; 133; VIEIRA 1923, p. 23). As

⁸ Quase certamente, a missiva de 12 de Dezembro, referida na nota anterior.

suas expectativas quanto a Santarém são então consideravelmente baixas, pelo menos a ajuizar por uma carta de 6 de Janeiro de 1841, em que duvida que o visconde faça chegar à Sociedade de Geografia uma imagem correta das suas publicações, apelidando-o de “meu rival Visconde” (LESSA 1954, p. 126-127).

Outros pontos de contato poderiam ser acrescentados, sobretudo em 1841-1842 e 1845-1847, entre Varnhagen e Santarém. Resta saber se Varnhagen, nos seus estudos posteriores a 1841, dedicou a Santarém outras críticas ou um silêncio ensurdecedor – ensurdecedor, devido à fugaz mas significativa proximidade, epistolar e de recensões, em que se encontraram no curto mas intenso período de 1839 a 1841. Neste período, apesar da diferença de perfis culturais e de idades, ambos dedicaram considerável parte das suas energias a afirmarem-se enquanto colecionadores e editores de manuscritos inéditos, assim como historiadores que inovam e enriquecem o conhecimento do passado com documentos autênticos. A partir de 1841 e dos factos referidos no presente artigo, Santarém e Varnhagen vão persistir, cada um a seu modo e a seu tempo, na fragilidade das teses das viagens pioneiras de Vespúcio (o português) e na autenticidade dos relatos do autor italiano (o brasileiro). Esse poderá constituir o tema de um interessante estudo, suplementar ao presente artigo: o do confronto ou ignorância mútuas das teses que Varnhagen e Santarém dedicaram às viagens de Vespúcio, por parte de dois historiadores e geógrafos de renome mundial, ambos nascidos portugueses e com uma intervenção decisiva na historiografia lusa dos descobrimentos.

Referências bibliográficas

41

ACADEMIA das Ciências de Lisboa. **História e Memórias da....** 1ª série, tomo XII, parte 2ª. Lisboa: Tipografia da Academia, 1839.

_____. **História e Memórias da....** 2ª série, tomo I. Lisboa: Tipografia da Academia, 1844.

_____. **História e Memórias da....** Parte 2ª, tomo II, parte 1ª. Lisboa: Tipografia da Academia, 1848.

BAIÃO, António. **Comunicações Académicas**. Lisboa: s.n., 1951.

BERSTEIN, Harry. **Alexandre Herculano (1810-1877)**: Portugal's prime historian and historical novelist. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian; Centro Cultural Português, 1983.

CATROGA, Fernando. Alexandre Herculano e o historicismo romântico. In: TORGAL, Luís Reis; MENDES, José Amado; CATROGA, Fernando. **História da História em Portugal (Séculos XIX e XX)**. Lisboa: Círculo dos Leitores, 1996, p. 39-85.

CEZAR, Temístocles. Varnhagen em movimento: breve antologia de uma existência. **Topoi**, v. 8, nº 15, Julho-Dezembro de 2007, p. 159-207.

FRANÇA, José-Augusto. **O Romantismo em Portugal**. Lisboa: Livros Horizonte, 1993 [1974].

- GARCIA, João Carlos *et al.* **O 2º Visconde de Santarém e a História da Cartografia**. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2006, 107 p.
- HERCULANO, Alexandre. **Opúsculos**. Org., introd. e notas de Jorge Custódio e José Manuel Garcia. Volume IV. Lisboa: Editorial Presença, s.d.
- LESSA, Clado Ribeiro de. Vida e obra de Varnhagen (1ª parte). **Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Vol. 223. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1954, p. 82-297.
- KOPKE, Diogo. **Tratado breve dos rios da Guiné do Cabo Verde... pelo capitão André Álvares d'Almada... publicado por...** Porto: Tipografia Comercial Portuense, 1841.
- MACEDO, Jorge Borges de. **Da história ao documento: do documento à história**. Lisboa: Arquivos Nacionais; Torre do Tombo, 1975, 44 p.
- MOREIRA, Thiers Martins. Varnhagen e a história da literatura portuguesa e brasileira. **Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Volume 275. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1967, p. 155-169.
- NAVARRETE, Martín Fernández de. **Colección de los Viajes y descubrimientos, que hicieron por mar los españoles desde fines del siglo XV... coordinada é ilustrada por Don...** 3º vol. Madrid: Imprenta real, 1829.
- OLIVEIRA, Francisco Roque de. Reseña de "A História da Cartografia na obra do 2º visconde de Santarém: Exposição cartobibliográfica" de Garcia, J.C.. **Investigaciones Geográficas**, Cidade do México: Universidade Autónoma do México, 63, 2007, p. 150-155.
- PEREIRA, Paulo; CARNEIRO, José Martins. **O Palácio da Pena**. Londres: IPPAR; Scala Publishers, 1999.
- PROTÁSIO, Daniel Estudante. **Pensamento histórico e acção política do 2º Visconde de Santarém (1809-1855)**. Madrid: Bubok, 2014.
- _____. O 2º visconde de Santarém e a tradição documental portuguesa (1817-1846). In MATOS, Sérgio Campos; JOÃO, Maria Isabel (org.). **Historiografia e Memórias (séculos XIX-XXI)**. Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa; Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais da Universidade Aberta, 2012, p. 251-262.
- SANTARÉM, visconde de. **Opúsculos e Esparsos**: coligidos e coordenados por Jordão de Freitas e novamente publicados pelo 3º Visconde de Santarém. Vol. I, Lisboa: Imprensa Libânio da Silva, 1910.
- _____. **Inéditos (miscelânea)**: coligidos, coordenados e anotados por Jordão de Freitas (bibliotecário da Biblioteca da Ajuda) e trazidos à publicidade pelo 3º Visconde de Santarém. Lisboa: Imprensa Libânio da Silva, 1914.
- _____. **Correspondência do... Coligida, coordenada e com anotações de Rocha Martins (da Academia das Ciências de Lisboa)**. Publicada

pelo 3º Visconde de Santarém. 8vols. Vol. VI. Lisboa: Alfredo Lamas, Mota e Cª, Editores, 1919.

SÃO LUÍS, Frei Francisco de. **Correio de Lisboa**, nº 442, 20 de Novembro de 1839, p. 2448.

SARAIVA, António José; LOPES, Óscar. **História da Literatura Portuguesa**. Porto: Porto Editora, 1987 (14ª ed., corrigida e atualizada; 1ª ed. 1955).

SILVEIRA, Pedro Telles da Silveira. Ficção, literatura e história através da "Crônica do descobrimento do Brasil" (1840), de Francisco Adolfo de Varnhagen. **História da Historiografia**, Ouro Preto, nº 3, Setembro de 2009, p. 34-52.

SILVA, Inocêncio Francisco da. **Dicionário Bibliográfico Português. Estudos de... aplicados a Portugal e ao Brasil**. 7 tomos. Tomo VI. Lisboa: Imprensa Nacional, 1862.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. Reflexões críticas sobre o escrito do século XIV [aliás XVI] impresso com o título de "Notícia do Brasil.... **Colecção de notícias para a história e geografia das nações ultramarinas que vivem nos domínios portugueses....** Volume V, número II. Lisboa: Tipografia da Academia das Ciências de Lisboa, 1839a, p. 1-120.

_____. **Diário da navegação da armada, que foi à terra do Brasil sob a capitania-mor de Martim Afonso de Sousa, escrito por seu irmão Pero Lopes de Sousa, publicado por...** Lisboa: Tipografia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis, 1839b.

_____. **O panorama**, nº 119, de 10 de Agosto de 1839c.

_____. **O panorama**, nº 141, 11 de Janeiro de 1840.

_____. **Revista Universal Lisbonense**, nº 3, 14 de Outubro de 1841.

VIEIRA, Celso, **Varnhagen: o homem e a obra**. Rio de Janeiro: Álvaro Pinto, 1923.